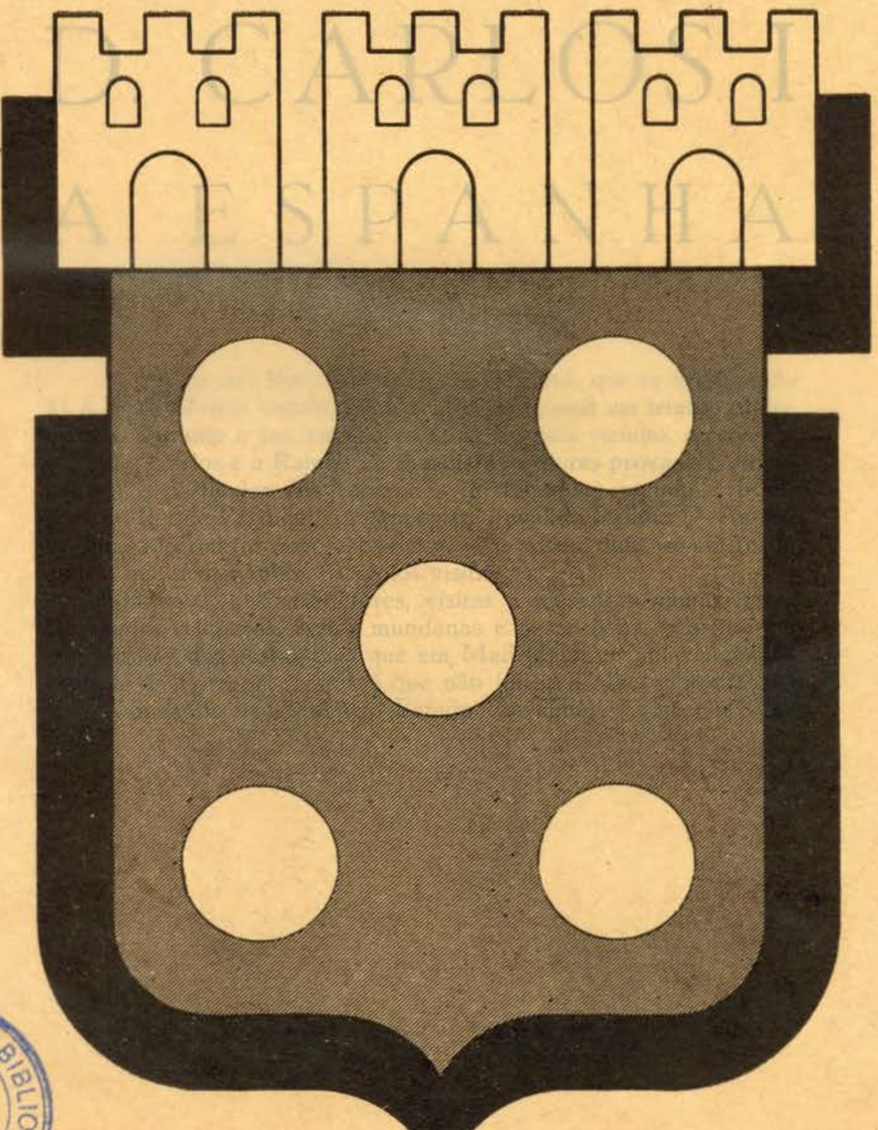
JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



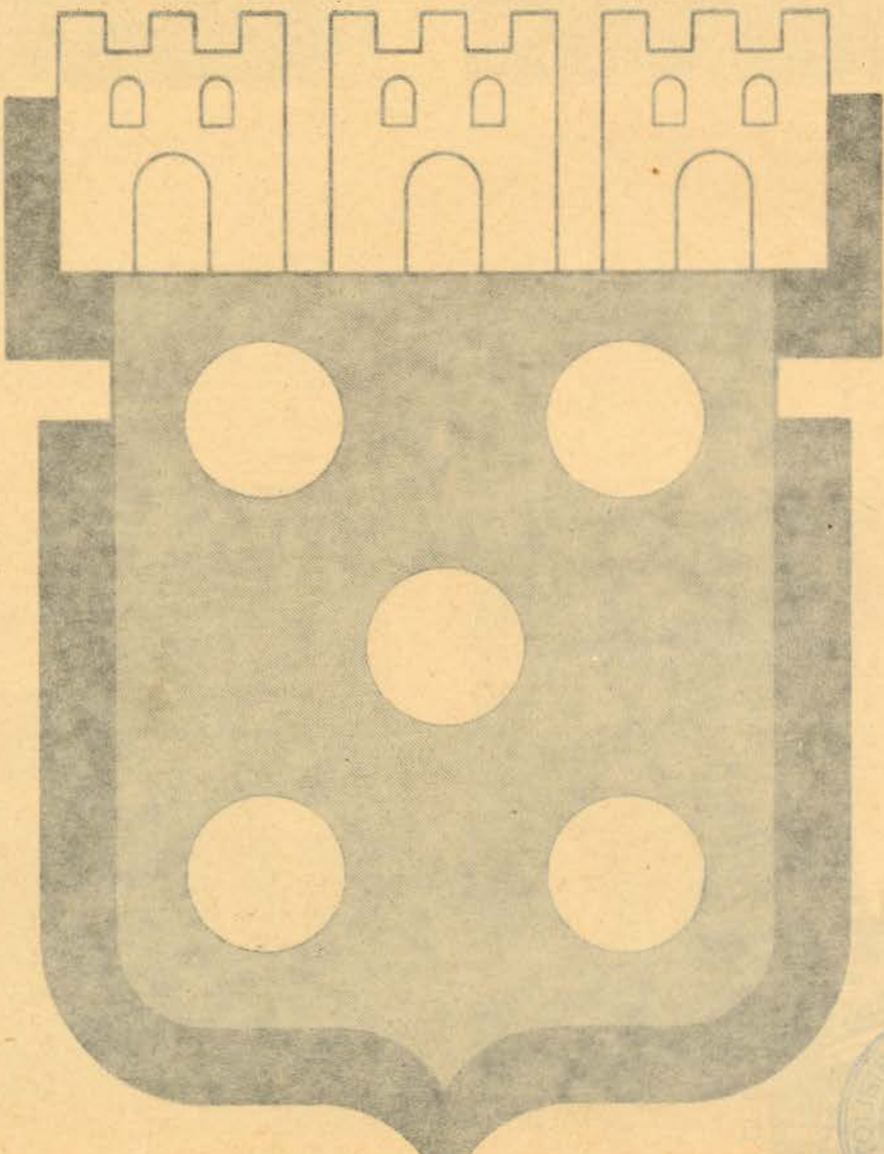
Fascículo N.º 3

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



Fascículo N.º 3

II CAPITULO

VIAGEM DE D. CARLOS I A ESPANHA

A viagem dos Reis de Portugal a Madrid, que se realizou de 11 a 16 de Março, constituiu para D. Carlos mais um triunfo diplomático. Durante a sua estadia na côrte do país vizinho, receberam o Rei D. Carlos e a Raínha D. Amélia as maiores provas de estima pública e particular dos soberanos de Espanha: «tendo a fidalguia do Rei de Portugal e a expressão afável da Raínha D. Amélia conquistado todo o povo espanhol», — no dizer dum jornalista da época, que acompanhou os régios visitantes.

Banquetes, festas militares, visitas a museus e monumentos, cerimónias religiosas, festas mundanas e desportivas, constituiram o programa das festas com que em Madrid foram homenageados os Reis de Portugal, festas a que não faltou a alma vibrante das ruas aclamando no Chefe do Estado Português o nome de Portugal.



A chegada dos reis de Portugal a Madrid
(12 de Março de 1906)

Os Reis de Portugal e de Espanha, com os respectivos estados maiores, momentos antes de se iniciar o desfile militar.



A Rainha D. Amélia e a Rainha Cristina de Espanha no cortejo que as conduziu ao Paço, onde a soberana portuguesa ficou hospedada.



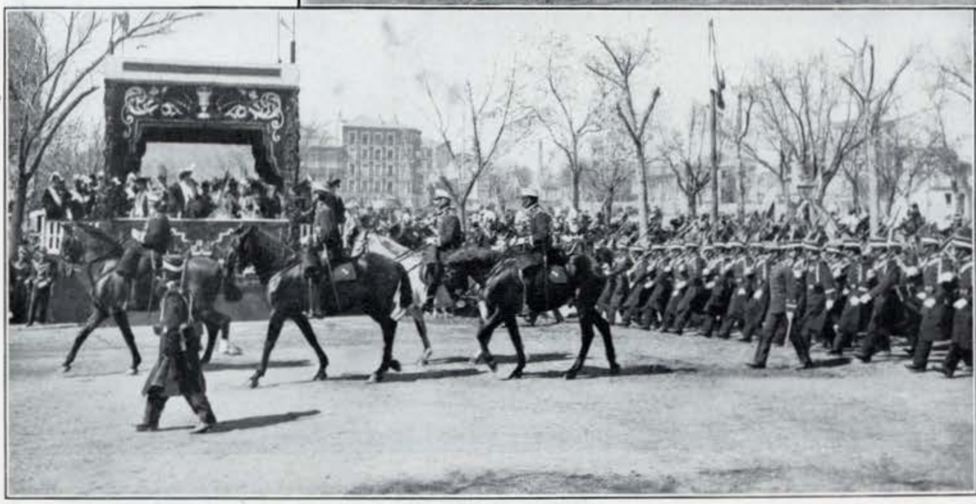
Festas militares em honra dos Reis de Portugal

(14 de Março de 1906)



Os números mais extraordinários dos programas das festas realizadas em Madrid, em honra dos soberanos portugueses foram, sem dúvida, as festas militares que na Castellana se realizaram no dia 14 de Março.

Depois da missa campal em que os régios visitantes assistiram duma tribuna, acompanhados pelos reis e infantes de Espanha e dos altos dignatários das côrtes portuguesa e espanhola, realizou-se a cerimónia da bênção das bandeiras, tão profundamente espanhola, a que se seguiu um desfile militar presenciado por milhares de pessoas.



Nesse dia foi o Rei D. Carlos nomeado coronel honorário do regimento de Cavalaria de Castela, recebendo como tal, as homenagens atribuidas a tão alto posto militar e a tão significativa distinção.



Arquivo Gráfico

Visita Régia a Madrid

(Março 1906)

SS. MM. El-Rei D. Carlos I e D. Affonso XIII assistindo à missa campal no Passeio da Castellana.



As Rainhas D. Amélia e D. Maria Cristina juntamente com as infantas D. Maria Isabel e D. Maria Tereza, assistem na tribuna de honra ao desfile de tropas dos Castelhanos.



D. Carlos de Portugal e Afonso XIII de Espanha, na passagem em frente do edifício do Congresso, no dia da chegada a Madrid.



Na casa de campo de Carabanchel

(Dia 13 de Março de 1906)

Em cima: — O Rei Afonso XIII de Espanha cumprimentando a Rainha de Portugal após a sua chegada à casa de campo de Carabanchel, onde, em honra dos régios visitantes, se realizou um torneio de tiro aos pombos.

Em baixo: — O Rei de Portugal no momento de se mostrar um atirador eximio, pois bateu todos os seus competidores, sem que isso tivesse sido uma reverência para a sua alta categoria — antes foi a prova do seu valor desportivo.



O MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL

O movimento operário em Portugal foi até à proclamação do regime republicano, representado exclusivamente, pelos socialistas. Não quer dizer que no seio das massas operárias que José Fontana e Antero de Quental tinham conseguido organizar, acompanhando o movimento ideológico europeu, não fermentasse entre uma maioria, o idealismo anárquico. Mas a corrente preponderante, a que conseguia arrastar multidões e promover as grandiosas paradas de trabalhadores por ocasião das manifestações do 1.º de Maio, essa era indubitàvelmente a socialista. No movimento associativo do operariado português, a acção socialista era decisiva e marcante. As antigas Associações de Classe, mais tarde substituídas pelos «sindicatos», tinham como dirigentes e orientadores a camada que se seguira a Fontana ou que pegara na sua obra e a continuara com a mesma orientação e o mesmo espírito. O chefe e orientador incontestado dêsse período a que nos referimos era Azedo Gneco, habilíssimo operário gravador, duma larga cultura sociológica e duma actividade contínua e tenacíssima que se multiplicava.

A propaganda pela palavra, a acção organizadora, as lutas da Imprensa, em tôdas essas manifestações de actividade Azedo Gneco estava presente.

E que essa actividade não foi improfícua demonstra-o, além do movimento associativo e orgânico das classes trabalhadoras, uma série de instituïções de carácter operário e social que se criaram por êsse tempo, como a Caixa Económica Operária, a Sociedade «Voz do Operário», as cooperativas de produção, as Mutualidades, etc.

Ao lado de Gneco, contavam-se Manuel José da Silva e Luiz Soares do Pôrto, Manuel Luiz de Figueiredo, António Francisco Pereira, Fernandes Alves, César dos Santos, Teodoro Ribeiro e muitos mais, uns mortos, outros, vivos ainda.

A proximidade do advento do regime republicano, desviando o interêsse das multidões para a resolução imediata do problema político, enfraqueceu o entusiasmo socialista do povo operário. Os

socialistas tiveram que se defender dos republicanos que, ligados com os anarquistas e tendo conseguido chamar a si Ernesto da Silva, Sá Pereira, Alfredo Ladeira e outros elementos mais jóvens do socialismo, queriam que êste abdicasse da sua acção própria, para derrubar antes de tudo a monarquia. Mas os socialistas resistiam a tôdas as campanhas e continuvam a ter influência sôbre as massas. A sua acção era mais orgânica e construtiva que revolucionária. Caluniados, apresentados como agentes da política monárquica, êles, que de forma alguma se opunham à revolução republicana, como que tinham a visão dos acontecimentos futuros e continuavam isolados, combatendo e lutando em prol das suas reinvindicações. Mais tarde depois de 5 de Outubro de 1910, a acção dos anarquistas, a traïção nas suas fileiras, e a embriaguês popular das primeiras épocas do regime, trouxe como resultado, especialmente depois do Congresso do Partido Socialista de Tomar, a passagem dos socialistas para uma situação secundária e o primado operário dos anarquistas de feição sindical. À orientação reformista «Lassaliana» de Gneco e dos seus companheiros, substituiram-se outros processos.

São do tempo que antecede pròximamente o advento da República, as fotografias que o «Arquivo» publica. Basta considerar a mancha dessas fotografias, para ter a impressão visual da natureza do movimento socialista, em comparação com o que veio depois.

A imagem serve aqui como comentário elucidativo dos factos. O movimento socialista dêsse tempo, só teve no novo regime um homem público que o considerasse e interpretasse: Estevão de Vasconcelos.

Só mais tarde é que, com Augusto Dias da Silva, fugazmente, a tradição socialista se reatou. O resto já não é História e pertence à actualidade.

R. C.



Arquivo Gráfico

A mesa dum Comício Socialista
(1 de Maio de 1907)

Azedo Gneco (Eudóxio Cézar Azedo Gneco) Presidente do Conselho Central do Partido Socialista Português, lendo a moção que o Comício aprovou. Vêem-se no grupo António Francisco Pereira, Fernandes Alves, Manuel Luiz de Figueiredo e outros militantes operários dêsse tempo.



A mesa do comício socialista do 1.º de Maio de 1907. Azedo Gneco (Eudóxio César Azedo Gneco), Presidente do Conselho Central do Partido Socialista Português, lendo a moção que o comício aprovou. Vêem-se no grupo António Francisco Pereira, Fernandes Alves, Manuel Luiz de Figueiredo e outros militantes operários dêsse tempo.



O caudilho socialista, já falecido, Fernandes Alves, discursando no comício do primeiro de Maio de 1907.



O operário João Graça, velho militante socialista, falando no mesmo comício.



Azedo Gneco discursando.



A mesa da imprensa no comicío do 1.º de Maio de 1907, rodeada de alguns militantes socialistas.

III CAPITULO

PROCISSÕES

Não passaram muitos anos sôbre estas fotografias, e já elas são precioso documento histórico. Joshua Benoliel aprendera na experiência do jornalismo diário que a história se não repete e procurava fixar cada hora do tempo, certo de que a actualidade de hoje pertence à história de àmanhã. A sua intuïção artística, mais ainda que as exigências dos jornais em que trabalhava, permitia-lhe escolher fàcilmente os assuntos de maior interêsse presente e futuro. E a sua alma abria-se à sugestão de beleza das cerimónias do culto católico, muito embora não partilhasse das nossas crenças.

Na catedral de Sevilha e em muitas igrejas da Bélgica, Benoliel quís servir-me de guia, para explicar certos pormenores arquitectónicos e os segredos artísticos de Murillo e Van Dyck. E entendíamo-nos perfeitamente. Dizia êle que só o tempo nos separava: um de nós era anterior e outro posterior à vinda de Cristo. Ligava-se pela amizade o Antigo ao Novo Testamento.

É, pois, com saüdade e comoção que escrevo estas palavras a emmoldurar os seus trabalhos fotográficos em que se fixaram aspectos religiosos duma Lisboa que eu já não conheci...

É a procissão dos Passos no agonizar do seu esplendor, a desfilar nas ruas já marcadas pelas «paralelas» dos carros eléctricos.

Abre o cortejo a cruz processional, logo seguida pelas sobrepelizes brancas do clero e dos seminaristas. Sob o pálio, o prior da frèguesia leva a relíquia do Santo Senhor e, ao lado, avançam com solenidade os mesários da Confraria, empunhando lanternas de prata e envergando capas alvejantes. «Anjinhos» alados, todos vestidos de seda e toucados de flores fazem côrte aos andores do Senhor dos Passos e da Virgem Dolorosa. A multidão assiste compungida e devota...

As fotografias de Benoliel permitem-nos reconstituir o quadro em todos os seus pormenores, desde a gravidade com que se desenrola a cerimónia litúrgica pelas ruas da cidade até ao próprio sentimento estampado no rosto dos assistentes.

Muitos encontrarão vivos, nestes grupos, amigos que há muito desapareceram. Alguns lembrarão o que foram, ou talvez se reco-

nheçam ainda nesses inocentes «anjinhos». Todos notarão nestes instantâneos o contraste de costumes e de sentimentos entre duas épocas separadas apenas por um quarto de século.

Já então os velhos recordavam saüdosos outras procissões mais luzidas, com mais andores e mais «anjinhos», e censuravam o luxo que estava gafando as meninas *modernas*. E ainda então as criadas se não envergonhavam de sair à rua sem chapéu e malinha, e só as damas de algo usavam na cabeça enormes cêstos floridos. As mulheres do povo não passavam do lenço ou mantilha. E os homens, quási todos com um friso ornamental no lábio superior, aproveitavam estas solenidades, para mostrar os colarinhos brancos gomados e arejar os seus chapéus de côco.

Num ou noutro grupo, aparece o tipo clássico do polícia, que hoje só vive nas «revistas», com cara de lua cheia, bigodes fartos, grandes olhos a espreitar de soslaio, sem saber onde pôr as mãos papudas para não sujar a luva branca. E as crianças seguem interessadas o desfile do cortejo, a invejar os vestidos e as asas dos «anjinhos» e a cubiçar a doçaria que os pais lhes vão dar, como prémio de não terem chorado na procissão...

* * *

Êsses coloridos e solenes cortejos religiosos, quem os quiser presencear tem de procurá-los hoje nas aldeias, porque o «progresso» decretou-lhes guerra de morte, em nome de certos princípios quási indiscutíveis. Diz-se que estão fora do ritmo da civilização que em breve obrigará os próprios mortos a estugar o passo... São espectáculos destoantes da actual gravidade e beleza do viver citadino... O perfume do incenso provocaria irritações perigosas nos pulmões habituados a respirar subtis essências de gasolina queimada... E, enfim, a vida moderna dos grandes centros urbanos compensa em mecânica o que nos tirou em poesia...

Quem se não curvar à evidência dêstes argumentos, pode buscar lenitivo à saüdade nestas lembranças daquela «Lisboa antiga» que Benoliel fixou para a história, prevendo até onde chegaria a lógica do progresso. E saiba que, fora da cidade, ainda há procissões com «anjinhos» e andores, a desfilar em ruas atapetadas de flores e de mirto, rescendentes a alfazema e rosmaninho. Há almas a quem não basta o progresso da mecânica e que só enchem a sua ânfora na fonte da poesia. E às vezes chega, uma gota de poesia para transfigurar a vida inteira!

P.e MIGUEL A. DE OLIVEIRA

O Senhor dos Passos da Graça

Das festas religiosas que no passado se realizaram em Lisboa, das mais notáveis sem dúvida, pela sua sumptuosidade, pela côr, pelo cenário e pelo entusiasmo vibrante da alma popular, eram as procissões dos Passos.

Nêsse dia o povo vinha todo para a rua admirar a imagem que aos ombros de fiéis, era transportada de S. Roque para a Graça. Para que seja feita uma ideia do relêvo que na vida da cidade tinham êsses acontecimentos religiosos, reportamo-nos à procissão do Senhor dos Passos da Graça, do dia 23 de Fevereiro de 1903, que fica bem como exemplo.

Logo de manhã, às 7 horas, os fiéis começaram a afluir à Igreja de S. Roque, rezando-se missas até ao meio dia. A imagem do Senhor dos Passos, que ficou coberta de flôres, era velada por pessoas da maior nobreza do reino, como o Marquês de Sousa Holstein, visconde de Santarém, Sampaio de Melo e Castro, Conde de Sampaio, Conde de Estarreja, Conde de Penafiel, D. José Passos e Lorena (Pombal), etc., etc.. A concorrência ao templo aumentava sempre, de modo que à 1 hora da tarde êle estava já replecto, — a-pesar das suas dimensões.

Às 2 horas prègou o sermão do Pretório o rev. P. Conceição Vieira, e um quarto de hora depois chegava o Infante D. Afonso, imponente na sua farda de general de divisão, acompanhado pelo Conde de Sabugosa.

Pouco depois chegavam os Reis. A sr.ª D. Amélia vestia de preto, como convinha à solenidade, e D. Carlos envergava o uniforme de marechal-general; o príncipe D. Luiz apresentava-se fardado de tenente de lanceiros e D. Manuel de aspirante de marinha.

Depois de oscularem a veneranda imagem, as pessoas reais deixaram a Igreja, sempre acompanhadas pelas honras inerentes às suas altas personalidades.

Às 4 horas organizava-se a procissão. Primeiro o guião, depois

as lanternas seguidas pelo pendão, a cruz da irmandade e os «anjinhos» conduzindo as insígnias da Paixão.

O andor do Senhor dos Passos, lindamente ornamentado com violetas, era conduzido aos ombros de pessoas da maior nobreza do reino assim como as lanternas e ceriais também eram conduzidos por fidalgos e irmãos da confraria do Senhor dos Passos.

Sob o pálio, conduzido também por pessoas da nobreza, seguia o sr. Arcebispo de Mitilene, e logo após a banda da Guarda Municipal e a guarda de honra de infantaria e cavalaria do mesmo corpo militar, e depois a mole imensa de povo, — homens e mulheres de tôdas as categorias sociais que sempre acompanhavam a procissão.

O itinerário percorrido era o seguinte: Largo de S. Roque, Duas Igrejas, Rua Garrett, Rossio, rua da Palma, rua de S. Vicente, largo da Mouraria, calçadas dos Cavaleiros, de Santo André e da Graça, até à Igreja.

Os «passos» onde a procissão parou, enquanto os cantores entoavam o «miserere», foram na igreja de S. Roque, Encarnação, Rossio, Terreirinho e Arco de Santo André e ainda na Igreja da Graça.



Senhor dos Passos da Graça

No momento de se organizar a procissão, no Largo de S. Roque.



Com a sua inocência, os anjos são uma nota curiosa na procissão.



Um anjo na procissão, conduzido entre dois irmãos.







Ao desfilar da procissão assiste uma multidão enorme que se comprime à beira dos passeios, entre a qual se vêem alguns tipos característicos da Lisboa de então — de tão longe e tão perto, ainda, da Lisboa dos nossos dias.

A cidade tinha nesses dias, em que as imagens conduzidas em procissão vinham à rua, uma vida especial que lhe era comunicada pelos milhares de fiéis que vinham assistir à sua passagem, as ruas ornamentadas com verdura, as colchas engalanando as janelas vistosamente.







Em tôdas as ruas do percurso se via a multidão presenceando o espectáculo, então tão vulgar e sempre novo, da pasagem da Procissão.

As gravuras acima mostram aspectos dessa multidão emocionada com a presença da Virgem que, aqui e além, recebia as homenagens dos fiéis.

As de lenço misturavam-se com as senhoras de chapéu, as pessoas de tôdas as categorias sociais confundiam-se no mesmo desejo ardorosamente manifestado — prestar homenagem à Virgem e elevar as suas preces ao Céu.



Senhor dos Passos da Graça

Um aspecto da procissão descendo a rua de S. Roque, no momento da passagem do andor.



O andor do Senhor dos Passos da Graça



A procissão voltando para o Largo das Duas Igrejas, onde se realizava o «passo»

A Procissão dos Ramos

A procissão dos Ramos que saía da Real Capela das Necessidades e dava a volta ao largo fronteiro, nesse dia juncado de flores e plantas, era a procissão da nobreza por excelência.

À frente seguia a irmandade de cruz alçada, conduzida por D. Rodrigo de Melo, nela se incorporando El-Rei, de grande uniforme de marechal-general, com a banda das três ordens e a Raínha, de mantilha, como determinava o protocolo para solenidade em que era necessário guardar tanto respeito e modéstia.

O príncipe Real e os infantes ostentavam também, nesse dia, as suas fardas de grande gala.

Fechava o cortejo, — majestoso nas fardas dos seus componentes, brilhante no seu aparato —, a guarda de archeiros com as suas vestes características e tão fora de uso.

A procissão dos Ramos, na Real Capela das Necessidades, era sem dúvida um dos mais aparatosos e típicos cortejos religiosos de quantos se realizavam em Lisboa.



Suas Majestades El-Rei D. Carlos, a Rainha D. Amélia, o Principe Real D. Luiz Felipe e os infantes D. Afonso e Manuel, passando entre alas de povo, seguidos do seu séquito, em frente do Palácio Real das Necessidades, incorporados na Procissão dos Ramos.





A Rainha D. Amélia e o Principe D. Luiz Felipe, na procissão dos Ramos, no Largo das Necessidades.

Os infantes D. Afonso e D. Manuel na mesma procissão, no momento da sua passagem em frente da Capela Real das Necessidades.



A Procissão dos Ramos

Em cima: A Familia Real todos os anos se encorporava na Procissão dos Ramos, que organizada na Capela do Paço das Necessidades, dava a volta ao largo fronteiro.





Mais dois aspectos da mesma Procissão

O clero encorporado na procissão dos Ramos, no momento em que esta saia da capela do Palácio das Necessidades.

Altos dignatários da côrte, membros do Govêrno e da Casa do Rei, encorporados na procissão dos Ramos.

A Procissão do Entêrro

A procissão do Entêrro realizava-se nos vários bairros da cidade e cada um caprichava em se apresentar melhor que o vizinho. Do Carmo, do Destêrro, em Belém, em S. Roque, da Capelinha dos Navegantes saía a procissão que percorria as principais ruas das frèguesias perante o gáudio dos rapazes, o respeito dos indiferentes e a admiração dos fiéis — sem dúvidas o maior número.

O pendão, a cruz, o guião, as lanternas, o andor, eram conduzidos pelos primeiros irmãos que solenes, nas suas capas roxas, constituíam um tipo curioso da cidade há muito desaparecido mas que viverá permanentemente nas telas magníficas de Mestre Malhoa.

Nas margens do passeio a população aguardava a passagem do cortejo, ajoelhando à passagem dos andores, à passagem da cruz e do pálio, e depois encorporava-se no préstito, de forma que quando êle voltava à igreja de onde saíra, era tão grande já a mole de povo que acompanhava o cortejo que mal cabia na igreja.

Havia a saüdável alegria de viver e o povo ria e folgava, no hábito bem português, de misturar o profano com o religioso.



A Procissão do Entêrro

A cruz alçada e o pálio na procissão do Entêrro, no instante em que esta tendo descido a rua de S. Roque, voltava para o Largo das Duas Igrejas



Outro aspecto da procissão do Entêrro em que se vêem alguns irmãos com as caracteristicas capas, e outros conduzindo as lanternas e ceriais.

Arquivo Gráfico



Procissão do Entêrro

Ainda outro aspecto da imponente procissão do Entêrro, tirado no momento em que o pálio — sob o qual caminhava sempre um Príncipe da Igreja — passa no Largo de Camões.



O andor da Virgem na procissão do Entêrro, no momento da sua passagem no largo de Camões.

A Procissão da Saúde

A procissão da Senhora da Saúde, que em Lisboa se realizava todos os dias 8 de Abril, era das mais notáveis festividades religiosas da capital.

O característico e popular bairro da Mouraria tinha nesses momentos um certo ar de graça, os seus habitantes, nem sempre cheios de virtude, encontravam-se possuídos duma tal unção e dum determinado recolhimento, que tornavam sem dúvida a procissão da Senhora da Saúde num dos maiores expoentes de fé do bom povo de Lisboa, que, numa mistura pagã, sem irreverência, dava à Mouraria das guitarradas e dos fados um ar de festa, de candura e ingenuïdade, com as ruas atapetadas de verdura e os seus balcões floridos, — com as suas lindas raparigas em trajos domingueiros.

Às 16 horas organizava-se a procissão, que no nosso país se fazia desde o reinado de D. Sebastião, por motivo dum voto da população quando uma grande peste causou estragos consideráveis em Lisboa; desde então até 1910, todos os anos se realizava em Lisboa a procissão da Saúde.

Era a procissão militar por excelência, organizada pela Arma de Artelharia e nela se encorporava o Infante D. Afonso, sem dúvida o oficial de artelharia de maior categoria social, comandante da bateria independente de Queluz.

A procissão saía da popular capelinha da Saúde, muito branca, muito pequenina, muito vistosa, e sob a presidência do Arcebispo de Mitilene, percorria as principais ruas do bairro e as da baixa, dando a volta ao Rossio e voltava novamente à capela da Saúde, onde com o concurso enorme do povo que enchia o templo e pejava o fronteiro largo se realizavam várias solenidades religiosas.

No cortejo religioso encorporavam-se as tropas da guarnição, e a fechar seguia uma mole enorme de povo entoando cânticos religiosos — um espectáculo único que não se voltou a repetir.



A Procissão da Saúde

A Familia Real saindo da capela da Saúde, na Mouraria, no momento da saida da popular procissão.





Alguns anjinhos na caracteristica procissão, e o andor de N. S. da Saúde na sua passagem pela rua da Madalena.





A Procissão da Saúde

O Infante D. Afonso, como oficial mais categorizado da arma de artelharia, todos os anos se encorporava nesta procissão.



Os anjos, conduzidos pela mão dos irmãos, eram sempre motivo de curiosidade do público e punham nestas cerimónias uma nota de caracteristica inocência.



Era motivo de regosijo ver passar o pendão da Confraria de Nossa Senhora da Saúde, todo branco, orlado de azul, com as armas reais ao centro — o que dava a esta procissão uma importância excepcional.



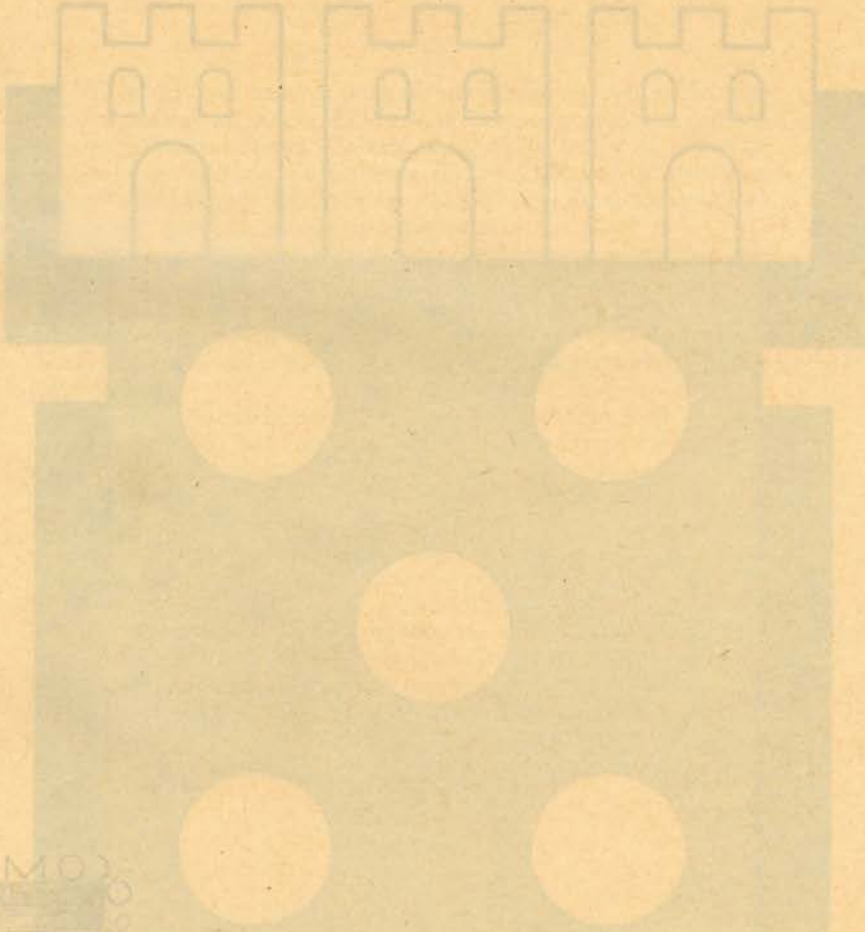
Quando a procissão passava no largo da Sé, a multidão ajoelhada fazia as suas preces à Virgem, conduzida aos ombros dos irmãos da Confraria da Nossa Senhora da Saúde.

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRAFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



Fascículo N.º



[illegible] aspecto do cortejo [illegible] passar o pendão da Confraria de Nossa Senhora da Saúde, [illegible] branco, orlado de azul, com as armas reais ao centro — o que dava à esta procissão uma importância excepcional.



Quando a procissão recolhia ao largo da [illegible] [illegible] a Virgem, colocada nos [illegible] [illegible]

IMPRESSO COMPOSTO GRAVADO
BERTRAND-IRMÃOS L.DA